



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 64-65
2012-2013

150 ANOS
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO ARRABALDE RIBEIRINHO DE MÉRTOLA

Virgílio Lopes, Lúgia Rafael, Susana Gómez Martínez¹

¹ Campo Arqueológico de Mértola, CEAACP

Resumo

O conjunto dos trabalhos arqueológicos realizados no Arrabalde Ribeirinho de Mértola permitiu confirmar a existência de uma basílica funerária, com perto de uma centena de sepulturas, e um importante conjunto habitacional do período islâmico. Neste contexto, enquadrou-se a intervenção realizada na Hospedaria Beira Rio/Hotel Museu, que foi fruto do diálogo entre o setor privado e as instituições públicas nacionais e locais envolvidas neste processo. O núcleo museológico do Hotel Museu, integrado no Museu de Mértola, conserva as estruturas arqueológicas de uma casa islâmica do século XII e exhibe de forma simples e intuitiva os artefactos resultantes das diversas fases de escavação neste local.

Palavras-chave: Mértola, Arqueologia, Museologia, Casa Islâmica, Século XII.

Abstract

All the archaeological work carried out in the Riverside of Mértola confirmed the existence of a funeral basilica, with close to a hundred graves, and a major housing established in the Islamic period. This context framed the intervention held at the "Hospedaria Beira Rio" / Hotel Museum, which was the result of the dialogue between the private sector and national and local public authorities involved in this process. The Museum Hotel, integrated in the Museum of Mértola, preserves the archaeological remains of an Islamic house of the twelfth century and has a simple and intuitive way to display the artifacts exhumed from different phases of excavation at this site.

Keywords: Mértola, Archaeology, Museology, Islamic House, 12th century.

1. O ARRABALDE RIBEIRINHO

Nos últimos anos, as escavações de emergência realizadas em Mértola forneceram uma quantidade considerável de informação arqueológica sobre a cidade, especialmente no que diz respeito às áreas exteriores às muralhas (Gómez e Lopes, 2008; Gómez *et alii*, 2009; Lopes, Gómez e Rafael, 2012). As intervenções na Cerca da Arrochela e no Cineteatro, e os acompanhamentos arqueológicos das ruas Dr. Afonso Costa, Serrão Martins e 25 de Abril permitiram documentar uma zona de habitações com uma ocupação descontínua que remonta à Antiguidade Tardia, mas que se afirma com força no século XII e volta a desenvolver-se no período moderno. As intervenções nas zonas atrás referidas, permitiram documentar espaços de vivenda bem estruturados e diversas instalações de carácter artesanal entre as quais se destaca um pequeno forno cerâmico de cronologia almóada. As intervenções arqueológicas do Rossio do Carmo e das ruas adjacentes (Cândido dos Reis, Travessa Nossa Senhora das Neves e Quintal do Antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Mértola) também forneceram novas informações sobre a extensão das necrópoles paleocristã e islâmica.

2. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NA HOSPEDARIA BEIRA RIO

A escavação arqueológica de emergência foi motivada por obras de construção de um novo edifício numa zona de quintal da Hospedaria Beira Rio. Os trabalhos arqueológicos decorreram em duas fases, de julho a novembro de 2005 e de abril a maio de 2008, e a intervenção arqueológica desenvolveu-se em área e em profundidade na zona afetada pela implantação da nova edificação. O objetivo central era aferir da existência de vestígios arqueológicos bem como, compreender a sua organização e datação.

Os trabalhos arqueológicos puseram a descoberto vestígios de um bairro portuário do período islâmico constituído por três casas parcialmente conservadas e restos de uma rua. Nos locais onde foi possível fazer a escavação em profundidade foram identificados níveis de ocupação correspondentes a áreas de armazém do período romano.

Na impossibilidade de preservar a totalidade das estruturas escavada procedeu-se à salvaguarda pelo registo de parte dos vestígios arqueológicos, acautelando e musealizando as estruturas mais significativas do conjunto.

A escavação identificou uma sequência estrati-



Figura 1 – Planta geral das intervenções no Arrabalde Ribeirinho (desenho de Nélia Romba).

gráfica que traduz o abandono do local como área residencial, e a utilização deste sítio como local de despejos e posteriormente como quintal e zona de cultivo agrícola.

Depois do desmonte desta estrutura, foram atingidas estruturas pertencentes a três casas do período islâmico. Entre duas das casas foi posta a descoberto uma rua com cerca de 1,5 metros de largura e à semelhança das vias identificadas na alcáçova de Mértola, possuía um piso em terra batida de perfil ligeiramente côncavo. Depois de identificado o nível de pavimentação e a sua direção (poente-nascente), foi feita a escavação em profundidade, onde foi encontrada uma canalização por onde escorriam as águas pluviais no sentido descendente da rua, e duas fossas detriticas que recebiam os dejetos das casas vizinhas.

A escavação em profundidade revelou uma sequência estratigráfica já conhecida em anteriores intervenções arqueológicas. Primeiro surgiram os derrubes das estruturas em que abundam as pedras e a terra, por vezes pontualmente, eram perceptíveis restos de taipa, identificados pelo seu característico reboco de cal. Uma vez desmontadas estas estruturas começam a aparecer os níveis pertencentes aos derrubes dos telhados, constituído por telhas de meia cana (o telhado é um dos elementos que mais rapidamente se degrada numa casa abandonada) e, por fim, surgem-nos os níveis ocupacionais e os vários tipos de pavimentos.

2.1. As casas

Estamos em presença de casas que obedecem a uma tipologia bem conhecida no mundo mediterrânico: a casa de pátio central, em que todos os compartimentos abrem para este espaço que lhes proporciona luz e ventilação.

A primeira casa a ser identificada foi a casa I (ver fig. 3), à qual se acede através de uma entrada em cotovelo, com uma porta de dupla folha, onde se conservam os orifícios dos dois gonzos nas pedras de soleira. Deste compartimento acedia-se ao pátio central e deste para o salão onde, a norte, se situava a alcova; do pátio central comunicava-se com a



Figuras 2 – Início da escavação na Hospedaria Beira Rio. Foto de Virgílio Lopes.

latrina e também com uma possível área de trabalho e cozinha. Estes dois últimos compartimentos encontram-se cortados no seu lado nascente pela estrutura de época moderna anteriormente abordada. Ao nível dos pavimentos, o salão era argamassado, o compartimento de entrada, o pátio e a latrina eram lajeados com xisto local e a cozinha e o compartimento anexo eram de terra batida.

Esta casa estava delimitada a poente por um caneiro de drenagem de águas. No lado Norte desenvolve-se outra casa, da qual apenas restou o muro de alvenaria e restos de uma canalização, tendo a restante parte da casa sido destruída com a construção da rua de acesso ao cais. Entre as duas casas encaixa-se um caneiro de escoamento das águas, possivelmente dos telhados. Esta estrutura desenvolvia-se entre os dois muros paralelos das casas sendo a sua base formada por lajes de xisto.

A casa II era constituída pelos compartimentos da cozinha, salão, pátio central, latrina e compartimento anexo, não tendo sido possível identificar a entrada, contudo tudo leva a crer que esta se situaria no lado nascente. À semelhança da casa anterior todos os compartimentos estavam ligados ao pátio central, o maior compartimento era possivelmente o salão que se situava a poente. Se excetuarmos o pátio central, que tinha uma pavimentação em lajes de xisto, todos os restantes aposentos eram pavimentados em terra batida. Verificou-se que existiram duas pavimentações distintas no pátio, o que corresponde a dois níveis de ocupação desfasados temporalmente.

A casa III é uma das mais mal preservadas em termos planimétricos, apenas conserva vestígios de três compartimentos: o pátio central, o salão e a cozinha no entanto, destacamos a qualidade construtiva dos reduzidos elementos conservados. No salão, na sua metade norte, havia restos de um pavimento constituído por argamassa de almagre e na extremidade norte existia uma construção pétreia em forma de U, que interpretamos como sendo uma alcova.

A parte conservada do pátio central estava lajeada com lajes de xisto de consideráveis dimensões. A cozinha possuía no canto sudoeste uma lareira de canto, zona onde se fazia o fogo, e que assentava numa camada de barro, que por sua vez estava em cima de um estrato de telhas partidas dispostas de modo a nivelar o afloramento xistoso onde se implantava. Abaixo do pavimento em terra batida foi descoberto um pequeno silo de forma ovalada, aberto no afloramento xistoso e uma canalização que dava serventia à cozinha da casa II e conduzia as águas residuais na direção do rio.

A construção destas casas parece muito bem estruturada e executada num único momento, adaptando-se à topografia, criando as ruas e os sistemas de saneamento, prévios à construção das habitações. Também esta zona do arrabalde portuário não cresceu ao acaso, tudo leva a crer que tenha havido uma organização urbana pensada e estruturada com planeamento e rigor, incluindo estruturas subterrâneas de serventia às várias habitações.

O facto deste bairro se situar na proximidade do

rio – a pouco mais de 50 metros de distância – levamos a compreender a ausência de estruturas para guardar água nomeadamente cisterna ou tanque, como acontece no bairro da alcáçova, em que todas as casas têm no centro dos pátios este tipo de equipamento. Nesta zona do bairro portuário certamente a obtenção da água estava facilitada dada a proximidade do rio.

Parece que, à semelhança da Alcáçova, o bairro terá sido habitado por populações autóctones. As lareiras escavadas no chão parecem incompatíveis, pelo seu manifesto arcaísmo e carácter local, com qualquer tipo de população exterior a este território (Macias, 2008: 38). Contudo, a este nível, verificam-se vários tipos de situações, existindo lareiras escavadas no chão, mas também, lareiras feitas com recurso a tijolos e cerâmicas reaproveitadas. Nas duas cozinhas claramente identificadas (compartimento VI da casa II e compartimento da casa III) verificou-se a existência de mais do que um local para fazer fogo, não se tratando de lareiras contemporâneas, mas sim a prova arqueológica da mobilidade e da longa duração que estes equipamentos tinham nas cozinhas.

2.2. Escavação II

A 9 de novembro de 2005 foi interrompida a escavação e procedemos à elaboração do relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos, que posteriormente foi submetido às entidades que tutelavam o património. Seguiram-se tempos de impasse e de negociação até ao encontro de uma solução que conciliou a moderna edificação com um sinal claro do respeito por memórias de outros tempos históricos.

Procedeu-se à alteração do projeto de arquitetura de modo a incluir a casa I e a rua adjacente no interior da nova edificação, para posterior musealização.

Os trabalhos arqueológicos foram retomados a 12 de abril de 2005 e prolongaram-se até 23 de junho de 2008, com o objetivo de concluir a escavação, de elaborar um registo gráfico sistemático das estruturas e, posteriormente proceder ao seu desmonte até às cotas de implantação da obra.



Procedemos também à proteção das estruturas da casa I e da rua, de modo a preservá-las e a minimizar os impactos decorrentes da obra.

A escavação arqueológica desenvolveu-se em duas vertentes: nos espaços delimitados pelos muros das casas II e III, onde foi possível aprofundar até atingir a rocha base e, nos locais onde existiam os muros das casas, procedemos ao seu desmonte até atingir a cota de afetação da obra. Com o desmonte dos pavimentos das casas, detetados na primeira fase da escavação, e o desenvolvimento da escavação em profundidade, verificou-se a existência de níveis de ocupação anteriores, nomeadamente no pátio da casa II onde depois de procedermos ao levantamento do lajeado nos surgiu outro nível de lajes de menor dimensão e uma estrutura de combustão, ou na cozinhas das casas II e III onde foram observados anteriores pavimentos de terra batida com distintas áreas de fogo. Pelos materiais arqueológicos relacionados com este contexto de ocupação é de inferir uma proposta de datação situada entre a segunda metade do século IX e meados do século X d.C..

Nos espaços onde a escavação se fez em profundidade, por debaixo das estruturas habitacionais islâmicas, atingiram-se níveis de derrubes do telhado constituídos por restos de tegulae e imbrices. Abaixo destes, apareceram estratos com grandes quantidades de carvão, cinzas e um considerável número de fragmentos cerâmicos anfóricos.



Figuras 3 – Planta (Nélia Romba) e fotografia (Álvaro Pina) das casas islâmicas e das estruturas do armazém da Antiguidade Tardia.

Apesar de terem sido exumados durante o processo de escavação três numismas, apenas dois exemplares nos permitem uma leitura. São um Sestertio, do Imperador Trajano, cunhado em Roma entre 103 e 111 d.C. e um outro numisma de Constâncio II, cunhada em Constantinopla entre 337 e 361 d.C.. Estas moedas provêm de níveis de ocupação delimitados por estruturas, perfeitamente enquadráveis na dinâmica comercial do porto da cidade de *Myrtilis*.

Vários aspetos levam-nos a considerar que se tratava de um armazém. Em primeiro lugar, pela proximidade deste local em relação ao rio e, em segundo lugar, pela análise da planimetria das estruturas encontradas, com dois compartimentos de consideráveis dimensões e amplitude. Por último, o horizonte cronológico dos materiais cerâmicos encontrados, enquadráveis nos séculos V-VI d.C., e que nos remetem para contatos comerciais com o norte de África e o Mediterrâneo oriental. Pensamos que este espaço terá servido, durante a Antiguidade Tardia, para o armazenamento e comércio de produtos que aportavam ao porto de Mértola.

2.3. Quem eram os habitantes das casas?

Ao contrário do que inicialmente se pensava - tratar-se de um bairro pobre de pescadores – a escavação veio a revelar um importante e bem organizado bairro ribeirinho. Surpreendeu-nos a qualidade e o grau de planeamento de algumas soluções construtivas, que incluíam toda uma rede de saneamento.

Por outro lado, é de destacar a qualidade do espólio arqueológico, tanto a nível dos objetos metálicos, de osso trabalhado ou cerâmicos. De referir ainda o grau de preservação da casa I, uma das melhores conservadas e que apresenta um elevado requinte construtivo, de onde foram exumados estuques com restos de pintura.

Os materiais arqueológicos são o reflexo do nível socioeconómico da população que habitava esta zona. Embora as casas sejam semelhantes às do bairro almóada da Alcáçova do Castelo, os vestígios arqueológicos encontrados durante a escavação, aliados à sua localização extramuros e na beira

do rio, colocam os seus habitantes num contexto ribeirinho e mesmo piscatório. Podemos associar à construção naval um compasso de carpinteiro e vários barcos gravados numa laje encontrada no local. Foram também recolhidos uma enxada e um colherim e alguns artefactos ligados à tecelagem (torres de roca, pontas de fuso, cossoiros, tesouras, temperieiros), à pesca (pesos de rede), acessórios pessoais (fivelas, brincos, pedras de anel), armas (ponta de flecha) e numismas.

Merece um especial realce a pedra de soleira que marca a entrada no salão da casa I, que foi musealizada. Esta pedra possui gravadas quatro cruces potentadas, o que nos leva a pensar na cristianização do espaço. Permanece a dúvida se se tratava de uma comunidade cristã que habitava numa cidade muçulmana do século XII, ou o reflexo da crescente presença de comerciantes cristãos nos portos das cidades do Al-Andalus (Constable, 1997: 118 e 130), ou será uma família moçárabe que vivia neste bairro? A confirmar-se esta hipótese é a primeira vez que se prova arqueologicamente tal facto em estruturas habitacionais, pois como refere Mário Barroca esta situação era já conhecida numa possível epígrafe de Mértola, “a que a paleografia recomenda a sua classificação dentro do século X (...). Se a nossa interpretação cronológica e se a proveniência desta peça estão corretas, estaríamos perante uma inscrição comemorando a edificação de templo moçárabe em Mértola, em pleno domínio muçulmano” (Barroca, 2000: 52-53). Cruzes para serem vistas, ou para serem pisadas é a questão que permanecerá em aberto.

Na alcova da casa III a par do aparecimento do compasso de ferro surgiu uma vieira. Este molusco tornou-se um símbolo heráldico e de Santiago Maior, ostentado pelos peregrinos a Santiago de Compostela, que a partir dos finais do século XI, com a construção da catedral e o aumento da peregrinação, levou a que rapidamente se tornasse num local de referência religiosa para a Europa. Contudo, o aparecimento deste símbolo, num local importante do salão, não pode ser ignorado e sugere-nos um hipotético contacto com a peregrina-

nação a esta cidade do norte da Península Ibérica.

Uma outra peça que nos levanta questões interessantes é a que tem a representação de dois barcos. Esta grande laje de xisto fazia parte das pedras de pavimentação do pátio da casa III e, só depois do desmonte da casa foi possível observar as gravuras, já que estas estavam voltadas para baixo o que possibilitou a sua preservação. Trata-se da representação de dois barcos, em que ambos apresentam o mastro, a vela quadrada recolhida na parte inferior e os dois remos-leme na popa. Uma das embarcações possui 9 remos e a outra 10. Possivelmente seriam modelos de barcos que o autor das gravuras conhecia e via aportar à zona ribeirinha desta importante cidade comercial.

Certamente estas casas foram remodeladas ao longo dos tempos, já que estruturas frágeis como estas necessitavam de uma manutenção periódica. Não excluimos a hipótese de ter havido uma ocupação anterior das casas, pois como aconteceu no pátio da casa II, em que depois de levantar as lajes de pavimentação, nos surgiu outro pavimento também lajeado, mas com lajes de menor dimensão.

Em conclusão é possível inferir a existência de três casas e de alguns compartimentos de incompleta leitura que pertenceriam ao bairro existente neste local. Este conjunto de dados faz deste local um bairro importante e detentor de poder económico no período islâmico.

Numa análise das estruturas e dos materiais identificados podemos inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde os inícios da romanização até ao final do século XII. Destacamos contudo dois momentos de ocupação, que pela abrangência dos materiais nos reportam à Antiguidade Tardia e ao importante bairro ribeirinho de meados do século XII. Apesar do intervalo temporal que separa estas duas ocupações ambas estariam certamente ligadas às atividades portuárias e aos negócios daí decorrentes.

Numa análise das estruturas e dos materiais identificados podemos inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde os inícios da romanização até ao final do século XII. Destacamos contudo dois momentos de ocupação, que pela abrangência dos materiais nos reportam à Antiguidade Tardia e ao importante bairro ribeirinho de meados do século XII. Apesar do intervalo temporal que separa estas duas ocupações ambas estariam certamente ligadas às atividades portuárias e aos negócios daí decorrentes.



Figura 4 – Objectos encontrados nas casas islâmicas (meados do século XII). Fotografias Jorge Branco, Câmara Municipal de Mértola.

3. DA ARQUEOLOGIA AO MUSEU

No que diz respeito à intervenção na Hospedaria Beira Rio / Hotel Museu, é ponto assente que a arqueologia nunca constituiu um entrave à modernização e que, o setor privado poderá ter também um papel importante na salvaguarda e valorização do património, constituindo um importante fator de desenvolvimento sustentado e de promoção do território onde se insere.

Se inicialmente os proprietários se mostraram relutantes e céticos, depressa perceberam as potencialidades e a maisvalia que seria ter uma unidade hoteleira com um núcleo museológico integrado. Esta solução exemplar e pouco comum no panorama arqueológico e museológico português, foi fruto de um importante diálogo levado a cabo entre o setor privado e as instituições públicas nacionais e locais envolvidas neste processo. Só numa perspectiva de abertura e de estreita colaboração, e desen-

volvendo trabalho com uma equipa multidisciplinar, se podem alcançar os resultados que agora podem ser vistos neste local.

O núcleo museológico do Hotel Museu integra as estruturas arqueológicas de uma casa islâmica do século XII e exibe de forma simples e intuitiva os artefactos resultantes das diversas fases de escavação neste local. Trata-se de um pequeno núcleo museológico que integra o Museu de Mértola e que constituirá um novo ponto de referência na visita ao circuito patrimonial desta Vila.

O caso de Mértola é referência nacional no panorama museológico pelo facto de se preocupar com a preservação e valorização patrimonial num sentido global e que se estende ao território e à comunidade. É também exemplar na musealização de estruturas no seu local de achado, que conferem a todo o circuito patrimonial uma autenticidade histórica e um entendimento da evolução do território e da ocupação humana ao longo dos tempos.



Figuras 5 – Interior do núcleo museológico. Fotografias Jorge Branco.

O Museu de Mértola, é um museu municipal, composto neste momento por 12 núcleos museológicos temáticos¹, que integram muitos deles estruturas arqueológicas e o espólio com elas relacionado, instalados em edifícios construídos para o efeito ou, noutros casos, em edifícios recuperados para essa função. Este processo de musealização temática ou cronológica ligada a uma forte componente de investigação histórico-arqueológica, tem como principal objetivo entender o território, aqui entendido como o limite do Concelho, onde a Vila representa o pivô a partir do qual se estruturam todos os projetos. Trata-se de um grande museu onde existem espaços privilegiados de análise e interpretação do espaço, do tempo e das suas gentes.

O núcleo museológico integrado no Hotel Museu corresponde a mais um ponto chave deste intenso labor museológico que se iniciou há três décadas. Trata-se de um pequeno núcleo integrado numa unidade hoteleira, que alia a componente de apoio ao turismo com a valorização patrimonial, reforçando os laços institucionais e empresariais, onde se desenvolve um diálogo fluido entre a arquitetura do espaço e a preservação de mais um “peçaço” da história de Mértola.

A musealização deste local baseia-se na simplicidade e na valorização das estruturas e dos objetos através duma iluminação cuidada, que alia à criação deste cenário um especial cuidado com a apresentação dos conteúdos e com a interpretação das estruturas através da fotografia e do desenho.

Numa clara demonstração de entendimento da maisvalia que é ter um núcleo museológico integrado numa unidade hoteleira, os proprietários concordaram em desenvolver um projeto que integrasse as estruturas numa perspetiva futura de as tornar visi-

táveis, não só para aqueles que aqui se hospedam mas para todos aqueles que as pretendam visitar. O estabelecimento das bases que regulamentam o seu funcionamento serão explicitadas em protocolo a estabelecer entre os proprietários do Hotel Museu, a Câmara Municipal de Mértola e o Campo Arqueológico de Mértola que, conjuntamente, serão responsáveis pela preservação, valorização e divulgação das estruturas e do acervo. Trata-se de mais uma boa prática em termos de preservação patrimonial uma vez que se conserva um importante conjunto de estruturas de uma habitação do período islâmico e se expõe os artefactos exumados durante a intervenção arqueológica, o que alarga o percurso do circuito patrimonial de Mértola, não só em termos espaciais mas também em termos históricos e museológicos.

BIBLIOGRAFIA

BARROCA, Mário Jorge (2000). *Epigrafia Medieval Portuguesa. 862-1422*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 4 t. em 3 vol. ; 23 cm.

CONSTABLE, Olivia Remie (1997). *Comercio y comerciantes en la España musulmana. La reordenación comercial de la Península Ibérica del 900 al 1500*, Barcelona: Ediciones Omega. XXV + 364 pp.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio (2008). O arrabalde de Mértola e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o Período Islâmico. *Vipasca Arqueologia e Historia*. Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel. nº 2, 2ª Série, Pág. 690-697.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana ET ALII (2009). Mértola Islâmica. A madina e o arrabalde. In *Xelb. Silves: Câmara Municipal de Silves / Museu Municipal de Arqueologia*. Nº 9, pp. 405-427.

LOPES, Virgílio, GÓMEZ, Susana; RAFAEL, Lúcia (eds.) (2012). *Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MACIAS, Santiago (2008). O bairro islâmico da Alcáçova de Mértola. In *Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008. Trinta anos de arqueologia*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, 2008.

¹ O Museu de Mértola integra 12 núcleos museológicos sendo que 9 se situam na Vila de Mértola e 3 noutras localidades do Concelho: Casa Romana, Torre de Menagem/Castelo, Basílica Paleocristã, Ermida e Necrópole de S. Sebastião, Oficina de Tecelagem, Forja do Ferreiro, Arte Islâmica, Arte Sacra e Alcáçova em Mértola e, Mosteiro situado no Monte Mosteiro, a Casa do Mineiro localizada na Mina de S. Domingos e o núcleo museológico de Alcaria dos Javazes que se situa na aldeia de Alcaria dos Javazes.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

www.arqueologos.pt